

O PLANO DE DEUS A PARTIR DOS RELATOS DA CRIAÇÃO: PERSPECTIVAS TEOLÓGICO-PASTORAIS

*Jair Carlesso**

Resumo

Este artigo quer analisar os relatos da criação (Gn 1 e 2), procurando compreender o que a Sagrada Escritura quer dizer, iniciando com os mesmos. Os textos são distintos, apresentam uma linguagem figurada e são provenientes de épocas e contextos diferentes. Em suas origens, cada texto tinha por objetivo responder às indagações de seu contexto. Como abertura da Sagrada Escritura, descrevendo poeticamente um acontecimento originário, apresentam o plano de Deus, apontando o que é essencial para a vida e as relações humanas. Nada tem valor maior que a vida humana. Esta, por sua vez, é fruto de um conjunto de relações.

Palavras-chave: Contexto. Palavra criadora. Natureza. Semelhante. Deus. Vida humana.

Abstract

This article wants to analyze the creation reports (Gn 1 and 2), trying understand what Holy Scripture means starting with the same. The texts are distinct, exhibit figurative language and are from different ages and contexts. In its origins, each text was meant to answer the text questions. As Holy Scripture opening, poetically describing an event originates, presenting God's plans, pointing what is essential to life and human relationships. Nothing has bigger value than the human life. This one is the result many relationships.

Keywords: Context. Creative word. Nature. Similar. God. Human life.

* Padre da Diocese de Erechim/RS, Mestre em Teologia Bíblica, professor no Itepa Faculdades, Passo Fundo, RS.

São inúmeras as marcas do nosso tempo. Presenciamos avanços tecnológicos que nenhuma outra geração da história viu acontecer. Por sua vez, o modelo capitalista neoliberal não está resolvendo grandes problemas, como a exclusão social, a miséria, a fome, a violência, a destruição da natureza e outros. Para J. Moltmann, a situação atual está determinada “pela *crise ecológica* de toda a civilização técnico-científica e pelo *esgotamento da natureza* através da intervenção humana”¹. Trata-se de uma crise que não atinge somente as pessoas, mas todos os seres vivos e o meio ambiente. É uma realidade que clama aos céus por novas relações. Como pessoas de fé, entendemos que a Palavra de Deus é “referência” segura em meio às “muitas falas” do nosso tempo e nos desafia a resistir ao espírito e à lógica deste mundo.

Os relatos da criação (Gn 1 e 2), nos contextos de suas origens, apresentaram-se como palavra de resistência e criadora de novas perspectivas de vida. São textos que fazem o anúncio da Palavra “viva e eficaz” (Hb 4,12) de Deus para as pessoas de ontem e de hoje. Sua reserva de sentido é inesgotável. Ao serem revisitados, são portadores de novas significações. Nosso desafio é compreender o que a Sagrada Escritura quer revelar iniciando com tais relatos.

1. Os relatos da criação no contexto de suas origens

A Sagrada Escritura inicia com dois relatos que tratam da criação. São textos distintos, provenientes de épocas e contextos diferentes e querem, primeiramente, responder às necessidades e problemas das pessoas que os geraram.

1.1 Contexto e linguagem dos textos

Em primeiro lugar, devemos ter presente que Gn 1 e 2 não são reportagens históricas “de algo sucedido nas origens”², pois “ninguém assistiu à criação, que deu origem ao ser-do-mundo”³. São textos escritos em linguagem simbólica, não tendo por objetivo responder às indagações científicas da atualidade, de *quando* ou de *como* o mundo foi criado. Este é papel das outras ciências. Fazem um anúncio catequético, que fomenta resistência e esperança ao povo de Israel nas circunstâncias específicas em que se encontrava.

a) O primeiro relato da criação: Gn 1,1-2,4a

Os estudos do primeiro relato da criação identificam claramente o exílio babilônico (587-538 aC) como seu contexto de origem. Gn 1,1-2,4a foi elaborado a

1. MOLTSMANN, Jürgen. *Deus na criação*. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 42.

2. CROATTO, Severino. *Crear y amar en libertad*. Buenos Aires: La Aurora, 1986, p. 14.

3. CROATTO, Severino. *El hombre en el mundo 1*. Buenos Aires: La Aurora, 1974, p. 21.

partir das condições de vida dos exilados. Em seu conteúdo estão as necessidades das pessoas que foram deportadas de Jerusalém para o cativeiro. O contexto de crise exigia encontrar saídas. No exílio, elas precisavam manter a fidelidade a Javé, preservar a identidade de povo de Deus e não se diluir na cultura babilônica. O texto, em primeiro lugar, tem presente esta realidade e quer animar os israelitas neste contexto.

A linguagem simbólica perpassa o relato, sendo escrito numa perspectiva litúrgica. Cimoso identifica-o como uma “liturgia cósmica”⁴. Segundo Schwantes, trata-se de “poesia litúrgica”. Gênesis 1 é um texto para “animar a comunidade reunida. Não foi pensado para ser debatido em ‘academias de ciência’ para ver quem tem razão: a ciência ou a Bíblia”⁵. Para Torralba, o relato apresenta uma “finalidade litúrgica”, na intenção de “fundamentar a lei do sábado”⁶. O texto, portanto, pode ser compreendido como uma liturgia, fortalecendo a vida e a luta dos exilados no contexto da deportação.

b) O segundo relato da criação: Gn 2,4b-25

Depois de ler Gn 1, o leitor se encontra com uma nova narrativa da criação, completamente diferente da anterior. O primeiro relato termina em 2,4a. O segundo inicia em 2,4b, formando uma unidade literária com o capítulo 3.

Para a maioria dos estudiosos, o segundo relato da criação é mais antigo que o primeiro. Cimoso diz que “estas páginas foram sempre atribuídas por todos à tradição javista, escrita no século X-IX aC, enquanto sua composição oral é certamente muito mais antiga”⁷. Para A.F. Anderson e G. Gorgulho, com os relatos de Gn 2–3, os autores javistas queriam “refletir sobre a profunda crise que penetrou na vida das tribos com a instituição da monarquia tributária”⁸, sobretudo com Davi e Salomão, onde os mais afetados foram os camponeses. Para Schwantes, “o contexto da roça é o que marca o texto”. No conjunto da narrativa, o homem e a mulher estão intimamente ligados à terra. Em 2,7, o homem foi feito da terra e, em 2,15, ele recebeu por missão “cultivar e guardar” o jardim. Por isso “o texto se encontra dentro da ótica do campo. É memória de lavrador. Vem da experiência da gente do campo”⁹.

4. CIMOSA, Mario. *Gênesis 1-11*. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 28.

5. SCHWANTES, Milton. *Projetos de esperança*. Petrópolis: Vozes, 1989, p. 25.

6. TORRALBA, Juan G. Gênesis, in GUIJARRO OPORTO, S. e SALVADOR GARCÍA, M. (Com. Editorial). *Comentário ao Antigo Testamento I*. São Paulo: Ave-Maria, 2002, p. 38.

7. CIMOSA, Mario. *Gênesis 1-11*, p. 34.

8. ANDERSON, A.F. e GORGULHO, G. *Deus cria para a liberdade (Gn 1-11)*. 2. ed., São Paulo: Cepe, 1992, p. 32.

9. SCHWANTES, Milton. *Projetos de esperança*, p. 76.

Além disto, há uma clara influência de mitos antigos da criação, como o poema de *Gilgamesh*, dos inícios do II milênio aC, e o poema *Enuma Elish*. Para Croatto, o relato apresenta-se em linguagem simbólica. O *histórico* não está no que é narrado, mas na interpretação da história que o relato faz¹⁰.

1.2 O conteúdo dos relatos

A referência ao contexto se faz necessária para compreender o conteúdo dos relatos, pois este quer ser uma resposta às questões que lhe deram origem. O fundamental é mergulhar nas narrativas, analisando seu conteúdo a partir da forma como ele é apresentado. Do mesmo destacamos alguns aspectos.

a) Gn 1,1-2,4a, a semana primordial

O primeiro relato da criação é uma verdadeira obra de arte. Inicia com uma introdução (1,1-2), cujas palavras de abertura são: “No princípio criou Deus os céus e a terra” (1,1). Em seguida apresenta o corpo do texto (1,3-2,3), constituído de sete estrofes, correspondendo aos dias da *semana primordial*. Os seis primeiros dias estão dedicados à ação divina e o sétimo, ao seu descanso. Finalizando, a narrativa apresenta uma conclusão: “Estas são as origens dos céus e da terra quando foram criados” (2,4a).

Com Gn 1,1-2 inicia-se a Sagrada Escritura. São as palavras de abertura, formando uma introdução. O v. 1 apresenta-se como um título, anunciando o conteúdo de todo o relato, e o v. 2 revela a problemática a partir da qual se deu a ação criadora de Deus junto aos exilados: “E a terra estava deserta e vazia e a escuridão cobria o abismo e o espírito de Deus pairava sobre as águas”.

A terra “deserta e vazia” lembra Jerusalém destruída em 587 aC e desabitada, da qual os deportados tinham sido tirados. No exílio, viviam um “vazio” em todas as dimensões, pois haviam perdido a estrutura econômica que os mantinha e o poder político, religioso e militar que os sustentava. Sem estes referenciais encontravam-se numa completa “escuridão”, não tendo perspectivas de futuro. Faltavam-lhes projetos consistentes. Entre os que moravam em Jerusalém e os que estavam no exílio, havia um grande “abismo”, pois foram jogados “junto ao rio Cobar” (Ex 1,1.3) e num “vale” (Ez 3,22-23). Neste contexto caótico “pairava” o “espírito de Deus”. Esta expressão aponta para a presença de Deus em seu meio. Através da palavra profética, Deus os iluminava e os desafiava a resistir e criar saídas, não se acomodando à ideia da incapacidade. O profeta Ezequiel compara-os a “ossos secos” (37,4) e revela a presença de um sentimento de completa desolação entre os exilados, pois diziam: “Os nossos ossos estão secos, a nossa esperança está desfeita. Para nós está tudo acabado” (37,11). Diante disto, incentivava-os dizendo-lhes: “Porei em vós o meu espírito e vivereis” (37,6).

10. CROATTO, Severino. *Crear y amar en libertad*, p. 27.

Assim, os exilados iam (re)descobrimo a presença de Deus em sua caminhada. Esta situação de sofrimento levou o povo de Israel a repensar muitos conceitos e reelaborar muitas práticas, que faziam parte de sua identidade religiosa. Desta forma, cada dia da criação revela a força criadora da Palavra de Deus diante da crise e das necessidades no contexto do exílio.

No primeiro dia (1,3-5) Deus criou a *luz*. Como viviam no exílio num contexto de escuridão, a primeira coisa de que necessitavam era de uma luz que os iluminasse diante de suas dificuldades e falta de perspectivas. Precisavam ver um caminho de saída e entender o que precisavam fazer para continuarem sentindo-se povo de Deus. É a luz da Palavra de Deus, que dá segurança e força na caminhada.

No segundo dia (1,6-8) Deus fez o *firmamento*. Este termo é a tradução da palavra hebraica *raqiá*, uma espécie de lâmina resistente, que tinha por função separar as águas superiores das inferiores. No contexto de exílio, isto lembra a necessidade de criar projetos históricos resistentes, que dessem segurança em meio às incertezas em que se encontravam. No exílio eram uma minoria, sem forças políticas e no perigo de perder a própria identidade. Um aspecto que contribuiu concretamente para eles manterem a identidade de povo de Deus foi a criação da sinagoga, através da qual faziam memória da caminhada histórica e celebravam vida e a presença de Deus, fortalecendo a esperança.

No terceiro dia (1,9-13) o texto trata da formação dos continentes e dos mares e do aparecimento da vegetação. Interessante perceber que não há nenhuma expressão que indique a criação de tais elementos. Terra e águas já existiam. O texto diz que Deus separou as terras das águas: “Reúnam-se as águas de debaixo dos céus num lugar somente e apareça o solo firme” (v. 9). Deus ordenou o surgimento da terra firme, incumbindo-lhe a tarefa de produzir toda espécie de ervas e plantas. A impressão que se tem é que “antes” do terceiro dia terras e águas estavam misturadas. Isto ressalta a força da Palavra de Deus, capaz de ordenar o mundo caótico, dando-lhe dinamicidade e vida. Nomeando os mares e a terra (v. 10), Deus manifestou-se Senhor da história, do espaço e do tempo. Por isso, os israelitas deviam confiar em seu Deus. O exílio havia rompido com suas seguranças e Deus queria que eles caminhassem sobre uma base firme. Para isso, deviam distinguir os projetos. Perseverar na tradição de Israel era caminhar em terra firme. A cultura e religião babilônicas constituíam um projeto incompatível com a tradição israelita.

No quarto dia (1,14-19) Deus criou os luzeiros. Na Babilônia, os astros eram tidos como divindades, legitimadoras do domínio babilônico. Para o autor bíblico, os astros eram meras criaturas, pois foram criados por Deus, não tendo nenhum traço de divindade, não podendo ser adorados como deuses (Dt 4,19). O Deus transcendente, ao criá-los, designou-lhes um papel funcional, necessário para o equilíbrio cósmico. Desta forma denunciava-se a religião babilônica, afirmando-se a grandeza do Deus de Israel, criador também dos astros.

No quinto dia (1,20-23) Deus criou os peixes e as aves. Pela primeira vez, no relato aparecem “seres dotados de vida”¹¹. Para Croatto, peixes e aves são seres que “estão *fora* da terra”¹², uma referência aos exilados. Eles são muitos, expressão de abundância de vida, e foram abençoados, isto é, dotados de fecundidade. Ao usar o verbo “criar” (v. 21), o texto mostra que a vida é obra exclusiva de Deus, “é uma maravilha que só Deus pode realizar”¹³. O mandato divino – “Sede fecundos, multiplicai-vos...” (v. 22) – apresenta-se como uma palavra de encorajamento aos exilados, que estão fora de Judá, para não se acomodarem e lutarem sempre diante de suas necessidades.

O sexto dia (1,24-31) é o ponto alto da ação criadora de Deus. Primeiramente, criou os animais terrestres, pois compartilham diversos aspectos com o ser humano. Com a criação deles, a casa ficou pronta. Daí poder chegar o último hóspede, o ser humano. Sua importância é destacada desde o plural, “Façamos o ser humano” (v. 26). Desde o princípio, foi feito “homem e mulher” (v. 27), um ser de relações e elevado à dignidade de “imagem e semelhança” de Deus (v. 26). Por um lado, este aspecto torna-o essencialmente diferente e superior dos demais seres criados e, por isso, portador de uma responsabilidade que os demais não têm. Por outro lado, no contexto da tradição patriarcal de Israel, o texto denuncia a discriminação da mulher, ocorrida ao longo da história, afirmando que ambos têm o mesmo valor e a mesma dignidade. Abençoados por Deus, tanto o homem quanto a mulher foram dotados de fecundidade, não apenas no plano físico, mas em todas as dimensões. O cuidado para com a vida é sua missão básica. Com seu trabalho, ambos devem prover seu alimento. Este plano foi avaliado como “muito bom” (v. 31).

No sétimo dia (2,1-4a) Deus concluiu sua obra, descansou e o consagrou. O texto indica a culminância de um processo. Daria para dizer que, da parte de Deus, a criação está completa. O sétimo dia valoriza o descansar. A ação de Deus não é somente um “fazer”, mas também um “descansar”. O descanso divino é parte inerente à semana primordial da criação. A atividade criadora de Deus e o repouso sabático formam um todo inseparável e o sábado “dá sentido à *semana*, da qual é parte e plenitude”¹⁴. Desta forma, o sábado apresenta-se como a “festa da criação”, a “festa da conclusão, da *plenitude da criação*”¹⁵. O mundo é um acontecimento de sete dias: seis dedicados ao “trabalho” de Deus e o sétimo completa, plenifica e dá sentido a tudo o que foi criado. O que Deus fez na semana primordial apresenta-se como modelo a ser seguido pelos exilados e por todos

11. RAD, Gerhard von. *El libro del Génesis*. s.l.: Sigueme, 1972, p. 66.

12. CROATTO, Severino. *El hombre en el mundo* 1, p. 161.

13. IBÁÑEZ ARANA, Andrés. *Para comprender o livro do Génesis*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 36.

14. CROATTO, Severino. *El hombre en el mundo* 1, p. 222-223.

15. MOLTMANN, Jürgen. *Deus na criação*, p. 396.

nas semanas históricas. Desta forma, o poema da criação conclui lembrando aos exilados a importância do descanso sabático, valorizado ao longo da história de Israel (Ex 23,12; 34,21), tornando-se uma reivindicação naquele contexto.

b) Gn 2,4b-25, o paraíso

O texto apresenta a criação de forma diferente do primeiro relato. Os v. 4b-7 fazem a abertura, apontando, inicialmente, uma situação caótica, marcada pela ausência: não havia arbustos e nem ervas, não chovia e não existia o homem para cultivar o solo (v. 5). O relato expressa a ideia da relação que o povo da Palestina tinha com a terra. Sem chuva e sem a presença das pessoas para cultivá-la, a terra não produzia nada. Com isso, o autor esboça uma situação caótica, a partir da qual parte a ação de Deus.

O v. 6 informa que “um manancial subia da terra e regava toda a superfície do solo”. O texto ressalta a importância da água para a vida. Esta frase está em estreita relação com o v. 7, cujo conteúdo contribui para a transformação do deserto inabitado, do v. 5, em terra habitada, a partir do v. 7.

O ser humano foi a primeira obra de Deus. Ele não surgiu por acaso. Foi o Deus de Israel que, como um oleiro (Is 29,16; 41,25; 64,8; Jr 18,6), o modelou com suas “mãos” do “pó da terra”. Conforme o texto hebraico, o *adam* veio da *adamah* ou, em latim, do *humus*. Com isto, o texto revela sua fragilidade e finitude, expressa também em Gn 3,19. Ao mesmo tempo faz ver que sua missão está ligada à terra, é “cultivar o solo” (v. 5). Por sua vez, o texto revela também a grandeza do ser humano. Portador do “sopro vital” de Deus, ele se tornou um “ser vivente” (v. 7). É este “hálito de vida” de Deus que o faz viver e caracteriza-o diante dos demais seres.

A partir do v. 8, Deus preparou-lhe uma morada digna, um jardim, em Éden, no oriente, e nele o colocou. Segundo Cimosa, este jardim, um lugar “com abundância de águas e de plantas”, é um “verdadeiro oásis”. Para quem vivia numa região árida, era o “máximo de felicidade”¹⁶. Com isto, o texto ressalta que Deus colocou o ser humano “em um lugar ideal” para viver, desejo de toda pessoa humana e, ao mesmo tempo, sonho de Deus, que sempre quer o melhor para os seus filhos.

Trata-se de “um jardim simbólico, cheio de árvores simbólicas”¹⁷. Dentre elas, encontram-se a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal. Decorre disto o mandamento divino de não comer os frutos de tais árvores. Quem comer da árvore da vida viverá “para sempre” (Gn 3,22), e quem comer da árvore do conhecimento do bem e do mal, “morrerá” (Gn 2,17). Com este

16. CIMOSA, Mario. *Gênesis 1-11*, p. 40.

17. CIMOSA, Mario. *Gênesis 1-11*, p. 40.

mandamento divino, o texto quer prevenir o ser humano dos perigos que possam destruir a vida paradisíaca.

Retomando a temática do v. 6, os v. 10-14 descrevem a presença de um manancial que saía de Éden, dividia-se em quatro braços e regava o jardim. O texto destaca a atenção de Deus em providenciar um lugar ideal para o ser humano, com água em todos os lados, abundância de condições e de vida para todos.

Deus colocou, no jardim, o homem que havia criado, para o “cultivar e o guardar” (v. 15). Esta missão indica que o trabalho faz parte da vida humana, desde seu princípio, e é necessário para o seu desenvolvimento. O trabalho está “ligado ao desígnio criacional e à dignidade própria do homem”¹⁸. O relato destaca, portanto, dois aspectos. Por um lado, o cultivar ou servir aponta para a necessidade do trabalho. É pelo trabalho que o ser humano sustenta sua vida, sendo condição básica de seu viver. Por outro lado, o guardar está ligado ao cuidado. Cuidar torna-se uma necessidade fundamental da vida.

O ser humano se realiza na comunhão de vida. Posto no jardim, não havia ninguém para dialogar de igual para igual com ele, e o próprio Deus constatou que isto “não era bom” (v. 18). Decidiu, então, fazer-lhe “uma auxiliar que lhe correspondesse” (v. 18). O rompimento de sua solidão começou com a criação dos animais. Assim que eram criados, Deus os conduzia ao homem, que os nomeava (v. 19-20). Desta forma, o texto aponta sua superioridade. Por sua vez, entre os animais não havia nenhum que se igualava a ele. Por isso, nos v. 21-23, o texto trata da criação da mulher. Ela o tirará da solidão, sendo-lhe sua verdadeira companhia. Trata-se de alguém “de igual natureza, pois os animais não são seres iguais ao homem”, nos quais ele possa se reconhecer¹⁹. Ao ser criada de sua costela, ele pôde afirmar: “Esta sim é osso dos meus ossos e carne da minha carne” (v. 23). É o reconhecimento da plena igualdade e da mesma dignidade de ambos, pois um necessita do outro e está para o outro. Os v. 24-25 concluem o relato, mostrando a relação de ternura, simplicidade, cooperação e amor, estabelecidas entre o homem e a mulher.

Desta forma, o paraíso apresenta-se como um projeto de vida marcado pela relação de igualdade entre o homem e a mulher, pelo reconhecimento da grandeza de Deus, pelo respeito e compromisso para com a natureza e pela pureza, simplicidade e doação de vida. Está mais no futuro que no passado. Trata-se de um modelo de vida a ser construído. Apresenta-se como um paradigma para onde devemos jogar a fé e a esperança.

18. CROATTO, Severino. *Crear y amar en libertad*, p. 72.

19. RAD, Gerhard von. *El libro del Genesis*, p. 99.

2. Perspectivas teológico-pastorais

Os relatos da criação, em primeiro lugar, apresentaram-se como palavra *criadora* de Deus no contexto de suas origens, inspirando o povo em suas dificuldades e necessidades. Por sua vez, “cada leitura é uma produção de sentido”²⁰. Diante disto, perguntamo-nos pelo sentido dos mesmos para nós, sobretudo pelo que a Sagrada Escritura quer dizer com eles.

2.1 O plano de Deus

Os relatos de Gn 1 e 2, como tratam da criação divina, são textos que fazem teologia e não historiografia. São textos querigmáticos, que olham para frente e fazem o primeiro grande anúncio da Sagrada Escritura, revelando-nos o *plano* de Deus. Com isto, podemos dizer que a Bíblia não podia iniciar de uma maneira melhor. Sua abertura dá-se com o anúncio daquilo que é essencial e não com qualquer fala ou oráculo divino. Os relatos da criação são portadores do plano de Deus, que se apresenta como a referência básica para os projetos histórico-teológicos do povo de Israel, da vida e missão das Igrejas e dos povos em todos os tempos.

Os dois capítulos iniciais do Gênesis fazem ver que todas as obras da criação têm a sua função e importância no conjunto do universo, por sua vez, o ser humano é o centro das atenções de Deus, pois nenhum ser criado se iguala à pessoa humana. O valor da vida humana é incomparável. Em Gn 1,1, quando o relato diz que “Deus criou os céus e a terra” e, em 2,7, ele “modelou o homem com a argila do solo e insuflou em suas narinas um hálito de vida”, está dizendo que Deus é a *fonte* da vida, como outros textos também o expressam (Ne 9,6; Sl 36,10; 136,4-9; Jr 2,13; 17,13). Assim, a Sagrada Escritura inicia fazendo uma afirmação fundamental: o mundo tem origem *em* Deus, sem pretender informar *como* e *nem quando* tudo aconteceu.

Conforme o plano de Deus, o ser humano é um ser de *relações* e sua vida está aberta a três grandes dimensões. Todas elas são essenciais, sendo que a pessoa humana não se encontra e não se realiza plenamente fora delas. Cada uma contempla um aspecto básico de sua vida e missão.

a) *O ser humano enquanto ser cósmico-biológico*

Em primeiro lugar, o ser humano aparece como um ser “do” mundo e “no” mundo. Em meio a muitas obras criadas, é um ser portador de vida, um “ser vivente”. Gn 1,1–2,4a, descrevendo que ele foi criado no sexto dia, faz ver que a criação de Deus não foi um ato instantâneo, mas um processo lento e progressivo. Ao mesmo tempo, o texto revela que Deus teve uma atenção especial para com

20. CROATTO, J. Severino. *Hermenêutica bíblica*, São Paulo: Paulinas, s.d. p. 24.

o ser humano. Somente quando as condições básicas para a vida, como a terra, água, ar, luz [calor], plantas [oxigênio], frutos e animais, existiam é que foi criado. Neste sentido, ele não podia ter sido criado “antes” do sexto dia. Assim, a vida humana, para existir e continuar existindo, implica na existência dos demais seres e na perfeita relação entre eles.

O relato de Gn 2,7 descreve que Deus modelou o ser humano com a “argila do solo”. Este dado é significativo. Se foi feito “do” solo, significa dizer que “é” terra, sendo, portanto, parte da natureza. Por sua vez, ele vive “na” terra, não tendo outro lugar no universo para viver, e “da”, pois tudo foi colocado a seu dispor para lhe servir de alimento (Gn 1,29-30; 9,3). Com sua morte, ele “retorna ao solo” e “torna-se” terra. Leonardo Boff, falando de uma forma mais ampla, diz que “pertencemos à Terra; somos filhos e filhas da Terra; somos Terra [...]. Viemos da Terra e a ela voltaremos. A Terra não está à nossa frente como algo distinto de nós mesmos. Temos a Terra dentro de nós”²¹. Portanto, o ser humano está intimamente ligado à terra, à natureza, não podendo se separar dela.

Esse aspecto revela uma dimensão de sua identidade. Como ser biológico, sua vida depende de sua relação com a natureza. Fora ou separado dela, sua vida acaba imediatamente. Por isso, é também um ser frágil. Biologicamente falando, ele tem um início, um desenvolvimento e um fim. Sendo parte da natureza, em todo o seu viver, segue seu ritmo. Não há como fugir desta realidade.

As reflexões atuais mostram cada vez mais haver uma completa interdependência entre todas as coisas. Tudo tem uma implicância mútua. A vida é o resultado de um entrelaçamento de relações. Por isso, no plano de Deus, está implícita a missão de cultivar e guardar o jardim (Gn 2,5.15). Trata-se de uma postura de vida que implica no cultivo de uma espiritualidade holística e no cuidado como condição para bem viver.

b) O ser humano enquanto ser histórico-social

Os dois relatos da criação ressaltam que, desde o princípio, Deus criou o ser humano *homem e mulher*. Por ser *pessoa*, o ser humano é um ser de relações, sendo portador de uma capacidade relacional que o torna aberto aos demais seres da natureza. Por sua vez, somente “uma criatura humana pode ser o ‘parceiro’ adequado de outra criatura humana, estabelecendo para isso a densidade da relação pessoal masculino-feminino”. Por isso, nesta relação estabelece-se “a mútua ajuda entre o homem e a mulher, que não se reduz à complementaridade genital, mas abre-se ao cultivo da humanidade comum, numa compreensão mútua e totalizante do existir humano, sem subordinação do feminino ao masculino”²². Por isso, uma segunda dimensão a ser destacada é a histórico-social.

21. BOFF, Leonardo. *Saber cuidar*. 11. ed., Petrópolis: Vozes, 2004, p. 72.

22. AGOSTINI, Frei Nilo. *Introdução à Teologia Moral*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 44.

Como ser de relações, o ser humano é um ser histórico-social, um ser que faz história. Biblicamente falando, podemos dizer que a “história humana” iniciou quando o homem e a mulher começaram a se relacionar. A relação gera vida. Ela ocorre pela necessidade que ambos têm de viver. Por isso, no relato da semana primordial, aparecem dois aspectos essenciais à vida do ser humano: o trabalho e o descanso. Neste sentido, o texto bíblico propõe um caminho: *seis* dias de trabalho, para prover o alimento e a segurança de vida, e *um* dia de descanso, abençoado e santificado por Deus, para refazer as forças físicas, a comunhão familiar e comunitária e aprofundar a relação com o próprio Criador. Trabalho e descanso, na sua devida proporção, mostram um ritmo de vida que realiza o ser humano, sendo ambos os aspectos necessários.

Esta dimensão mostra que, para viver dignamente, toda pessoa precisa saber conviver. *Viver é um conviver*. Do conviver dependem seus projetos de vida, de família e de sociedade. Para que sua vida seja realizadora e plena, seu conviver necessita de critérios éticos, de justiça, de solidariedade, de amabilidade.

Os relatos bíblicos ressaltam com muita ênfase que a vida constitui-se de um empenhar-se ativamente. O Deus da criação não quer ver ninguém parado, acomodado, mas todos em movimento. Ao abençoá-los, disse-lhes: “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a e dominai...” (Gn 1,28). Trata-se, por um lado, de uma presença ativa e, por outro, necessita ter uma postura de *cuidado* para com as pessoas e com a natureza. Ambos os aspectos estão contemplados quando, em Gn 2,15, trata de “cultivar e guardar” o jardim. Além disto, a importância do cuidado está presente também no Apocalipse, quando descreve: “Não danifiqueis a terra, o mar e as árvores” (7,3). Portanto, no plano de Deus, está salientada a necessidade do cuidado, que se apresenta como uma *atitude* a ser incorporada em seu viver, em seu conviver e em seu fazer.

c) O ser humano enquanto ser aberto à transcendência

Modelado com a “argila do solo” e portador do “hálito de vida” (Gn 2,7), o ser humano foi elevado à dignidade de “imagem e semelhança” de Deus (Gn 1,26). Isto o torna um ser aberto a Deus, à transcendência. A pessoa humana não é apenas um ser biológico ou social, mas um ser transcendente. Nisto está sua mais profunda identidade. É o que caracteriza, de fato, o ser humano. Nenhum outro ser é portador desta característica.

Esta dimensão lhe dá um sentido novo e maior. Embora sendo parte da natureza, o ser humano não pode ser igualado aos demais seres vivos. Sua existência não é um puro acaso. Ela faz parte do plano de Deus, como diz o livro do Eclesiástico: “Criou-me antes dos séculos, desde o princípio, e para sempre não deixarei de existir” (Eclo 24,9). Deus nos conhece desde antes de sermos concebidos: “Antes mesmo de te formar no ventre materno, eu te conheci” (Jr 1,5). E nos criou para a eternidade (Jo 6,39-58). Por isso, uma vez criados por Deus,

nossa vida está voltada para o infinito. Isto mostra que a relação e a comunhão com Deus estão na base do ser humano, criado por meio de sua Palavra.

Com isto, a Sagrada Escritura faz ver que o ser humano está aberto à graça divina, que faz com que sua vida natural, finita, histórica, assuma um caráter transcendental. O ser humano é um mistério do amor de Deus e sua plenitude somente se encontra em Deus. Isto significa que, no amor gratuito de Deus, o ser humano é destinado a ser filho de Deus: “Vede que prova de amor nos deu o Pai: sermos chamados filhos de Deus. E nós o somos!” (1Jo 3,1).

2.2 O sentido da vida no plano de Deus

Apresentando o plano de Deus, os relatos da criação formam o primeiro capítulo temático da Sagrada Escritura. Revelam que Deus é Criador e que, para ele, o mais importante é a vida do ser humano que, por sua vez, depende de um conjunto de relações, das quais ele próprio é responsável. A vida humana tem um valor incomparável. Por isso, cada pessoa, independentemente de sua condição, encerra em si mesma uma *sacralidade* que a torna filha de Deus.

O plano de Deus mostra, portanto, que a vida humana constitui a finalidade da ação criadora de Deus. Por sua vez, ela somente se realiza na perfeita comunhão com os demais seres. Por isso, para viver dignamente o ser humano precisa estar aberto a cada uma das dimensões fundamentais de sua vida. Ao mesmo tempo, para cada uma das dimensões decorre um apelo, implicando num cuidado especial a ser mantido.

a) Estar aberto à *natureza*: por ser parte dela, o ser humano é interpelado a manter uma relação de respeito e de uma profunda comunhão com todos os seres criados. Cuidar da natureza é cuidar da vida. Disto decorre um apelo ecológico. É uma consciência que já nasceu, mas que nem todos têm presente. Os relatos da criação fazem refletir sobre a vida em sua dimensão ecológica, pois somos seres vivos. A releitura destes textos abre os horizontes em vista de posturas a serem tomadas e assumidas em relação ao cuidado que o ser humano, as instituições e os poderes públicos devem ter com sua casa comum. Cuidamos melhor dela ou devemos assumir as consequências.

b) Estar aberto ao *semelhante*: como pessoa, sua vida depende da forma como convive e estabelece as relações com o outro/a. Mais do que nunca, se entende hoje que não é possível viver só. O avanço tecnológico, sobretudo em relação às comunicações, aproxima-nos cada vez mais uns dos outros. Por sua vez, a pessoa vive e age como homem e/ou como mulher e o trabalho está implicado diretamente. Disto decorre um apelo humanitário, que leva a estabelecer relações de corresponsabilidade, de reciprocidade, de justiça, de solidariedade e de igualdade. Os relatos da criação ressaltam que, desde o princípio, homem e mulher são iguais em dignidade. Um não é maior do que o outro e nada justifica

qualquer atitude de superioridade e exploração de um sobre o outro. Assim, o plano de Deus mostra o princípio a partir do qual a sociedade precisa se organizar econômica, política e socialmente.

c) Estar aberto a *Deus*: pois ele é o Criador e nele o ser humano encontra seu mais profundo sentido. A plenitude humana está em Deus. Vale lembrar as palavras de Santo Agostinho: "...fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti"²³. Decorre disto um apelo espiritual, que leva ao cultivo da fé e de uma espiritualidade fundamentada na Palavra de Deus e, de modo especial, na pessoa e no Evangelho de Jesus, "caminho, verdade e vida" (Jo 14,6).

Considerações finais

Ao descreverem a criação, os textos apresentam o plano de Deus. Desta forma, a Sagrada Escritura inicia apontando aquilo que deve ser o critério básico das relações entre as pessoas em vista do bem de todos. Nada tem valor maior que a vida da pessoa humana. Esta é a questão fundamental. O plano de Deus mostra, portanto, que é a partir do valor da vida humana que a sociedade deve se organizar em todas as suas dimensões (política, econômica, social, religiosa, cultural...). Além disto, tanto o homem quanto a mulher são portadores de uma mesma e igual dignidade. Ambos se complementam mutuamente e se realizam plenamente na abertura e na comunhão com Deus.

O plano de Deus faz ver que a natureza, o ser humano e Deus constituem-se em sujeitos em permanente relação. No contexto do capitalismo, não somente a natureza, mas o próprio ser humano tornou-se objeto de exploração. Ao revisitarmos os relatos da criação, eles indicam que o princípio a guiar as relações humanas deve ser o cuidado para com a natureza, a defesa e a promoção da vida humana e a abertura para com Deus. Trata-se do horizonte para o qual todos devemos olhar. A própria ação de Jesus em a defesa da vida encontra-se nesta perspectiva. Quando Ele disse que não veio para fazer a sua vontade, mas a vontade daquele que o enviou (Jo 6,38), indicou que sua presença e missão estavam relacionadas ao plano do Pai.

Concluindo, podemos dizer que o plano orienta por onde devem andar e como devem ser os projetos históricos. O plano indica aquilo que é essencial e que deve inspirar as ações concretas do dia a dia. Em termos bíblicos, o projeto histórico do êxodo buscou concretizar o plano de Deus no contexto da escravidão egípcia e os profetas o resgataram para dentro do contexto monárquico, e assim outros. Em termos de evangelização, as práticas pastorais precisam também ter em vista este mesmo plano de Deus.

23. AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1997, n. 1, p. 19.

Bibliografia

- AGOSTINI, Frei Nilo. *Introdução à Teologia Moral: O grande sim de Deus à vida*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- AGOSTINHO, Santo. *Confissões* [tradução de Maria Luiza Jardim Amarante]. São Paulo: Paulus, 1997 (Patrística, 10).
- ANDERSON, A.F. e GORGULHO, G. *Deus cria para a liberdade (Gn 1–11)*. 2. ed., São Paulo: Cepe, 1992.
- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: Ética do humano – compaixão pela terra*. 11. ed., Petrópolis: Vozes, 2004.
- CIMOSA, Mario. *Gênesis 1–11: A humanidade e sua origem*. São Paulo: Paulinas, 1987 (Coleção Pequeno comentário bíblico).
- CROATTO, J. Severino. *Hermenêutica bíblica*. São Paulo: Paulinas, s.d. (Estudos bíblico-teológicos Antigo Testamento e Novo Testamento, 5).
- CROATTO, Severino. *Crear y amar en libertad: Estudio de Génesis 2:4-3:24*. Buenos Aires: La Aurora, 1986.
- CROATTO, Severino. *El hombre en el mundo I: Creación y designio, Estudio de Génesis 1:1-2:3*. Buenos Aires: La Aurora, 1974.
- IBÁÑEZ ARANA, Andrés. *Para compreender o livro do Gênesis*. São Paulo: Paulinas, 2003 (Coleção Bíblia e História).
- MOLTMANN, Jürgen. *Deus na criação: Doutrina ecológica da criação*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- RAD, Gerhard von. *El libro del Génesis*. s.l.: Sigueme, 1972.
- SCHWANTES, Milton. *Projetos de esperança: Meditações sobre Gênesis 1-11*. Petrópolis: Vozes, 1989 (Coleção Deus Conosco).
- TORRALBA, Juan G. Gênesis, in GUIJARRO OPORTO, S. e SALVADOR GARCÍA, M. (Com. Editorial). *Comentário ao Antigo Testamento I*. São Paulo: Ave-Maria, p. 31-111, 2002.

Jair Carlesso
Av. Sete de Setembro, 1305
99700-000 Erechim, RS
pjcarlesso@yahoo.com.br